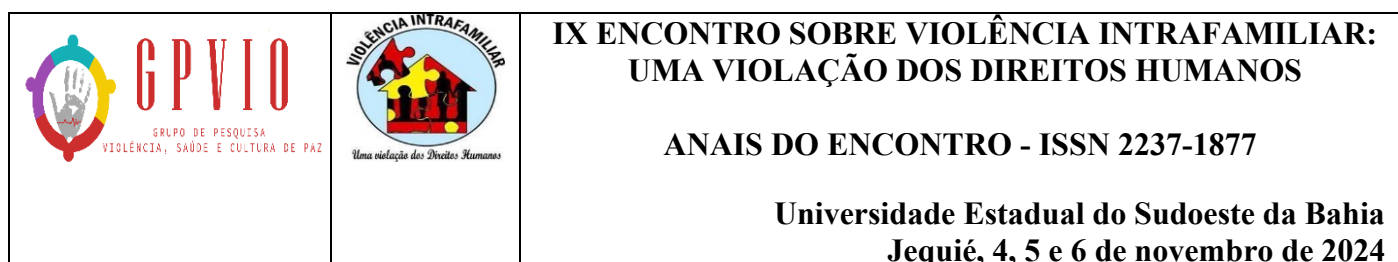


Trabalho Original e Revisão de Literatura – integrativa, de escopo e narrativa



CONHECIMENTOS DE HOMENS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Wallace Almeida Gonçalves¹;
Luca Victor Freire Bezerra²;
Isa Clara Andrade Souza³;
Renilda Mayane Lopes da Silva⁴;
Aline Vieira Simões⁵;
Juliana Costa Machado⁶

Introdução

A violência contra a mulher é uma questão social grave, ligada a práticas patriarcais que tornam comportamentos abusivos aceitáveis. Consoante ao Capítulo II da Lei Maria da Penha, que trata das formas de violência doméstica e familiar dirigidas às mulheres, essa violência pode se manifestar de cinco maneiras principais: violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral (Brasil, 2006).

Os homens parceiros íntimos são os principais agressores, e a violência psicológica é a mais comum, seguida da violência física (Santos *et al.*, 2020). Um estudo brasileiro com 302 puérperas, indicou que 43% delas sofreram abuso por parte de seus parceiros ao longo da vida, 7,6% sofreram violência física no ano anterior à pesquisa e 4,6% relataram essa forma de violência durante a gestação (Fiorotti *et al.*, 2018). Outro estudo realizado no estado do Maranhão, Brasil, com 233 gestantes, apontou a violência psicológica (18,9%) como a mais prevalente (Conceição *et al.*, 2021).

Para fortalecer políticas públicas voltadas à mudança de discursos e à prevenção da violência, a Lei Maria da Penha, trouxe de forma inovadora a possibilidade de encaminhar

¹Acadêmico do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB. E-mail: wallacealmeidaaga@gmail.com

²Acadêmico do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB.

³Acadêmica do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica do CNPQ.

⁴Acadêmica do Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB.

⁵Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: avsimões@uesb.edu.br

⁶Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

homens responsáveis por violência doméstica para programas de recuperação e reeducação (artigo 45), além de prever a criação de centros para educação e reabilitação (artigo 35, inciso V). Com a publicação da Lei nº 13.984 de 2020, o comparecimento desses agressores a programas de recuperação e reeducação passou a ser considerado uma medida protetiva de urgência (artigo 22, inciso VI) (Brasil 2006; 2020).

Objetivo

Esse estudo tem como objetivo identificar conhecimentos de homens sobre violência contra mulher.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura alicerçada na estratégia PICO (Problema/participante, fenômeno de interesse e contexto), construída através de artigos científicos indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Tendo como questão norteadora: “Qual o conhecimento de homens sobre violência contra mulher?”.

Para sistematizar a busca, foram utilizados três Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Homens; Violência e Violência contra mulher, intercalados com auxílio do operador booleano *AND*.

Inicialmente foram encontrados 20 artigos na plataforma, depois da etapa de busca, utilizou-se os filtros das plataformas a fim de realizar a triagem dos artigos. Os critérios de inclusão foram artigos completos, publicados na íntegra nos últimos cinco anos (2019 a 2024), nos idiomas português, inglês e espanhol, que estivessem disponíveis para o *download* e que atendessem ao objetivo do estudo. O número de artigos então reduziu para nove.

Portanto, a construção de uma revisão integrativa segue alguns padrões para que se garanta uma excelência em relação ao rigor metodológico, assim o estudo seguiu alguns passos para critério de escolha, conforme orienta Mendes, Silveira, Galvão (2008), que são eles: a identificação do tema e definição da questão norteadora, em seguida a busca na literatura com aplicação dos critérios de inclusão e exclusão; depois a definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados e por fim, síntese do conhecimento.

Após a fase de triagem pelas plataformas, os autores realizaram a leitura do título, do resumo e, posteriormente, do texto completo buscando os artigos que contemplassem os objetivos propostos. Assim foram selecionados quatro artigos para compor o estudo e adicionadas mais três referências que corroboram com o objetivo proposto.

Resultado e Discussão

A violência contra mulher é frequentemente normalizada e encarada como parte da rotina diária. Achados constatarem que homens com alto nível educacional identificam, relatam e interpretam esse tipo de violência. A maioria dos homens tende a desafiar as normas de uma sociedade estruturalmente patriarcal, destacando a necessidade de uma mudança de perspectiva em relação à violência doméstica. Diante disso, os homens demonstraram entendimento sobre o significado e os aspectos envolvidos nessa problemática, incluindo questões individuais e, em parte, macrossistêmicas (Magrin; Oliveira, 2023).

Os estudos elucidam que homens autores de violência muitas vezes não reconhecem seus atos como violentos, frequentemente justificando suas ações ao atribuí-las a fatores externos, como o consumo de álcool, ciúmes, impulsividade, ou até culpando a própria

mulher em situação de violência. Esses argumentos estão fortemente ligados à empatia afetiva dissonante, revelando uma falha na habilidade desses homens de reconhecer e regular suas emoções. Permitindo concluir que essa dissonância na empatia afetiva está relacionada a dificuldades emocionais (Fiorotti *et al.*, 2018).

O trabalho com homens agressores exige uma conduta profissional ética, evitando julgamentos e respeitando as opiniões dos participantes. É importante reconhecer que esses homens também podem ser vítimas ou influenciados pela violência. A compreensão de que práticas de gênero, incluindo as mulheres violentadas, são construídas e, portanto, passíveis de mudança. Para promover transformações nas relações de gênero, é necessário superar noções simplistas e refletir sobre as forças de poder que influenciam essas relações (Pê *et al.*, 2022).

Observa-se, entretanto, que o aumento da conscientização por parte dos homens ainda não foi suficiente para estabelecer uma cultura de completa intolerância à violência contra as mulheres, que são vistas de forma dicotômica, ora como culpadas, ora como vítimas. Ainda prevalece uma lógica que exime ou divide a responsabilidade dos homens. Muitas vezes, eles não reconhecem sua própria culpa e/ou a transferem para outros fatores, como o comportamento da mulher ou um possível transtorno mental do agressor. Dessa forma, ao tratar o agressor como alguém anormal ou patológico, afasta-se a responsabilidade coletiva dos homens, ignorando-se os diversos contextos que contribuem para a violência (Magrin; Oliveira, 2023).

Conclusão

Conclui-se, portanto, que a violência contra a mulher muitas vezes é banalizada na sociedade, sendo tratada como algo corriqueiro. Homens com maior nível de educação tendem a reconhecer e interpretar essa violência com mais clareza, questionando as normas patriarcais e apontando para a necessidade de uma transformação na forma como esse problema é abordado. Nota-se que agressores frequentemente não percebem seus atos como violentos, buscando justificativas em fatores como o consumo de álcool, ciúmes ou culpando as próprias vítimas. Esse comportamento reflete uma falta de empatia emocional, evidenciando dificuldades em reconhecer e gerenciar suas emoções. Embora a conscientização tenha avançado, ainda prevalece uma cultura que minimiza ou divide a responsabilidade dos agressores, frequentemente transferindo a culpa para circunstâncias externas ou patologizando os autores da violência.

Diante o exposto, é necessário implementar a educação emocional para com os homens, além de campanhas de sensibilização, apoio psicológico aos agressores, fortalecimento de leis e políticas públicas, incentivo ao diálogo para refletir sobre masculinidades entre homens e a responsabilização coletiva a fim de permitir a ideia de responsabilidade pela violência contra a mulher não é apenas individual, mas coletiva.

Descritores: Homens, Violência, Violência contra mulher.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

Referências:

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, ago. 2006.

BRASIL. **Lei nº 13.984**, de 3 de abril de 2020. Altera o art. 22 da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para estabelecer como medidas protetivas de urgência a

frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial. *Diário Oficial da União*, seção 1, 2020.

CURIA, Beatriz Gross; ZAMORA, Júlia Carvalho; LIGÓRIO, Isadora Silveira; GONÇALVES, Victória Dias; RUOSO, Aline; HABIGZANG, Luísa. Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 40, p. 1-19, jan./maio 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V8jcXqbrLxts8r5jqzQ8LPv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2024.

FIOROTTI, Karina Fardin; AMORIM, Maria Helena Costa; LIMA, Eliane de Fátima Almeida; PRIMO, Cândida Caniçali; MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos; LEITE, Franciele Marabotti Costa. Prevalence and factors associated with domestic violence: Study in a high-risk maternity hospital. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 27, n. 3, p. e0810017, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/TnLbjRmxHCkMSgSMdWN3Qtf/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2024.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 17, n. 4, p. 758764, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 11 out. 2024.

SANTOS, Ione Barbosa dos; LEITE, Franciéle Marabotti Costa; AMORIM, Maria Helena Costa; MACIEL, Paulete Maria Ambrósio; GIGANTE, Denise Petrucci. Violence against women in life: Study among primary care users. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1935-1946, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/R64vx7t9ykyzCH54DTfSFvjv/>. Acesso em: 08 out. 2024.

MAGRIN, Juliana Cristina; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. Men's Perceptions of Domestic Violence Against Women: A Qualitative Study. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 33, p. e3302, 2023. Disponível em: <https://biblio-1431023.lilacs/indexpsi>. Acesso em: 08 out. 2024.

PÊ, Felipe Zeferino; ALVES, Railda Sabino Fernandes; GUEDES, Clarissa Paranhos; SILVA, Marceane de Azevedo; BASTOS, Márcia Batista. Violência contra a mulher: experiência de profissionais facilitadores de um grupo reflexivo de homens. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, SP, v. 23, n. 1, p. 87-102, jan./jun. 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100008. Acesso em: 08 out. 2024.